

# Modesto Emilio Guerrero - Eleições na Venezuela: Sem Chávez, mas com a ameaça dos EUA<sup>1</sup>

por Carlos Tautz | trad. Paulo Alves de Lima Filho<sup>2</sup>

No dia 28 de julho, aniversário de 70 anos do ex-presidente, 13 candidatos disputam a cadeira atualmente ocupada por Nicolás Maduro, o favorito para um terceiro mandato. O biógrafo de Chávez, Modesto Emilio Guerrero, lança luz sobre o cenário das eleições, bem como sobre o cenário regional e internacional.

396



*Foto: Página 12 | Reprodução*

A pouco mais de dois meses das eleições presidenciais na Venezuela, as sondagens mostram que o presidente Nicolás Maduro deverá ser reeleito para um terceiro mandato, apesar de uma profunda crise econômica

---

<sup>1</sup> Entrevista publicada originalmente no portal Al Mayadeen [inglês], 30 mai. 2024. Disponível em: <<https://en.mdn.tv/7ozE>>.

<sup>2</sup> Editor da Revista Fim do Mundo. Coordenador Geral do IBEC. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Mestre em Economia pela Universidade da Amizade dos Povos 'Patrice Lumumba' – Moscou – Rússia. | [palf1951@gmail.com](mailto:palf1951@gmail.com)



causada por sanções dos vizinhos Estados Unidos e de uma divisão no governo com 11 candidatos enfrentam outros dois da oposição de direita.

Para Maduro, a disputa será a mais difícil desde abril de 2013, quando foi eleito pela primeira vez. Naquele ano, o presidente desfrutou de todo o legado político da Revolução Bolivariana liderada por seu antecessor, o coronel do Exército Hugo Chávez Frías, que morreu de câncer menos de um mês antes da eleição de Maduro e de sua entrada no Palácio Miraflores, sede presidencial na capital Caracas.

Hoje, mesmo sem a sua presença física, Chávez ainda marca profundamente a alma venezuelana. Ele morreu, mas o chavismo – um movimento político que organizou o que chamou de Revolução Bolivariana – ainda tem centenas de milhares de apoiadores organizados na Venezuela. Para os pobres, o chavismo significou mobilização social permanente e melhores condições de vida.

Inspirada pelo general Simón Bolívar (que declarou a independência da Venezuela da Espanha em 1811), a Revolução posta em prática durante os 14 anos de presidência de Chávez no país sul-americano – que detém as maiores reservas de petróleo do mundo – é pacífica e baseada em princípios socialistas. Melhorou rapidamente a qualidade de vida dos pobres, democratizou os rendimentos das exportações de petróleo, rompeu com o imperialismo norte-americano associado às próprias elites da Venezuela e iniciou um processo de união com as outras nações da América Latina e do Caribe.

A eleição presidencial acontecerá agora em 28 de julho, data do 70º aniversário de Chávez. A data, repleta de simbolismo, é uma tentativa de reavivar a memória mítica de Chávez.

“O governo de Maduro vai se consolidar e não tenho dúvidas de que vai vencer, mas a matemática da votação não resulta num movimento de resistência aos EUA. Mas se houver invasão ou agressão física, sim”, afirma o jornalista venezuelano e biógrafo de Chávez, Modesto Emilio Guerrero.

Guerrero, que vive na Argentina há 33 anos e ajudou a fundar o PSUV (o partido político ao qual Chávez também pertencia) quer dizer que a “memória mítica” dos anos de Chávez ainda ressoa entre os pobres da Venezuela, e que isso ajudaria Maduro a alcançar um novo prazo.

---

Boa leitura!



**O momento histórico de maior mobilização popular da história recente da América Latina - após os acontecimentos da entrada em Havana (1958) de Fidel e outros revolucionários, bem como da Revolução Sandinista na Nicarágua (1979) - foi a rápida e enorme mobilização em Caracas para trazer Chávez de volta a Miraflores em 2002, após a tentativa de golpe de Estado da oposição venezuelana em acordo com a CIA. Independentemente das diferenças de tempo e de figuras políticas, existe ainda hoje na Venezuela uma mobilização popular capaz de defender o país contra agressões externas - de onde quer que venha, mesmo de e/ou com a ajuda de um possível governo de direita no Brasil?**

*Guerrero* - Hoje não há mobilização deste tipo, o que não significa que não possa haver resposta à agressão dos EUA. São duas coisas diferentes. Há uma tendência à inação, ao contrário dos anos do chavismo e até 2019, porque a necessidade de sobreviver em termos materiais apaga a vontade de fazer sacrifícios políticos.

Existem vários motivos para a inação. A principal delas é econômica, devido ao bloqueio: as 360 sanções promovidas pelos EUA destruíram a economia venezuelana e levaram à migração de seis milhões de pessoas, a maioria delas jovens, para sobreviver, como já aconteceu em muitos lugares, ou em situações de guerra.

A prioridade de um venezuelano comum, da rua, da fábrica ou do setor rural, é sobreviver e que seus filhos comam. Quando essa prioridade existe, a prioridade política não vem em primeiro lugar. Portanto, a imagem do Presidente Nicolás Maduro não está no seu melhor, em comparação com qualquer um dos outros quatro ou cinco momentos desde que chegou ao poder em 2013. Ele não é ajudado por políticas estatais e pelos escândalos de corrupção. Ambas as coisas diminuem a vontade e o estado de consciência que move os militantes.

Cinco a seis milhões de militantes chavistas estavam organizados em múltiplas formas de associação, principalmente por grupos de bairro. Isto se explica pelo caráter da Revolução Bolivariana, que foi levada a cabo basicamente pelos pobres de seus bairros. O que é diferente do proletariado clássico disciplinado pela fábrica, pelo regime de trabalho e por uma cultura política na vida sindical.

Uma intervenção dos EUA com a ajuda (de um eventual governo de direita) no Brasil, ou na Argentina, o que é mais provável neste momento,



teria uma resposta do exército oficial com alguns atores não oficiais. As milícias populares são uma grande conquista em termos militares na defesa do processo bolivariano, mas estão em estado de desmantelamento ou redução em comparação com os vários milhões que estavam presentes em 2019.

A resposta contra a Argentina seria mais contundente, porque na Venezuela se acumulou uma certa consciência contra a ingratidão do (presidente argentino Javier) Milei e contra outros governos como o de Alberto Fernandez, e em certa medida de Cristina Kirchner, em relação à quantidade de dinheiro que Hugo Chávez emprestou à Argentina no passado.

**Com base na evolução da situação política na Venezuela, é possível afirmar que as eleições presidenciais poderão confirmar a capacidade da base política que apoia Maduro para governar face à crise económica interna e ao mesmo tempo consolidar a posição da Venezuela face ao imperialismo dos EUA?**

*Guerrero* – A capacidade política da base social venezuelana para as eleições de 28 de julho está dispersa, porque há muitos candidatos que refletem interesses muito diferentes. A situação já não está polarizada entre chavismo e anti-chavismo. Surgiram opções que arrastam o chavismo de um lado e a oposição do outro. Há também um sentimento de desânimo detectado por diversas consultorias, que pode ser verificado conversando com 10 pessoas em 10 lugares diferentes. Algumas pessoas estão separando a figura mítica e épica de Chávez do processo que vivem na realidade. Isso não existia até 2019.

As eleições de julho aprovarão o governo (Maduro) e não o chavismo. O governo ainda está a recuperar da morte inesperada de Chávez. O movimento está se limitando. Muitos chavistas não votariam em Maduro porque não o identificam com a ideologia ou com o caráter mítico de Chávez.

O governo de Maduro vai consolidar-se e não tenho dúvidas de que vencerá, mas a matemática da votação não resulta num movimento de resistência aos EUA. Mas se houver invasão ou agressão física, sim.

O próprio governo dos EUA tem uma relação diferente com o governo venezuelano. A Exxon (EUA) é a empresa dominante dentro da PDVSA (a empresa petrolífera estatal venezuelana) e no sistema petrolífero



venezuelano, e isso é visível. Os investimentos e as empresas norte-americanas e canadenses voltaram a fazer parte da vida política e social da Venezuela, o que já começa a mudar o imaginário do que é o anti-imperialismo.

Isto não significa que a população não defenderia a Venezuela. Há uma relação com a memória que é muito próxima do tempo da geração atual, 10 anos, o que não é muito em termos históricos. Esta geração não gosta de Maduro como presidente ou como líder, da mesma forma que gosta do chavismo como prova de uma vida melhor nos últimos 100 anos. Maduro para eles não significa desastre, mas sim a imagem do desastre em termos económicos.

**Sobre os EUA: é correcto dizer que Washington reverteu a sua decisão de se aproximar de Caracas? Abandonou a sua intenção de garantir petróleo para os EUA e a Europa, longe da necessidade de comprar energia russa? Por que?**

*Guerrero* - Não tenho certeza, em termos categóricos, de que os EUA vão mudar a sua estratégia em relação à Venezuela. Penso que mudaram as suas táticas para recolonizar a Venezuela. Com ou sem chavismo. Já conhecemos casos na África, Ásia e América Latina. Um exemplo é o peronismo na Argentina. Os EUA sabem que o custo do petróleo venezuelano num posto de gasolina na Flórida é 17 vezes menor que o custo do petróleo árabe. O estado actual da geopolítica mundial, da concorrência e do perigo de guerra com a China mostram que a Venezuela é uma peça central, tal como o foi na Segunda Guerra Mundial. É por isso que não vejo os EUA abandonando de forma alguma a sua estratégia de reentrar na Venezuela.

**Na questão da região de Essequibo, na vizinha Guiana, que a Venezuela reivindica como sua, os EUA estão a operar como sempre: aliam-se a governos que parecem simpatizar com eles, a fim de garantir fontes de petróleo, ao mesmo tempo que exibem as suas armas. (neste caso, voos de aviões de combate e a possibilidade de instalação de uma base militar na Guiana) para desencorajar a reivindicação da Venezuela ao Essequibo. Do ponto de vista de Maduro, até onde ele está disposto ou pode ir para garantir a posse deste território por Caracas?**

*Guerrero* - É muito difícil para o governo venezuelano, no actual sistema mundial de estados e poder, reconquistar este território (atualmente



controlado pela) Guiana, que é um direito seu. Acredito que haja um processo de ocupação da Guiana, de compra do governo daquele país, de ameaça de instalação de base militar e de passagem recorrente de navios norte-americanos. Desde a Segunda Guerra Mundial, os EUA aprenderam, ao contrário dos britânicos, que o sistema de enclaves é mais produtivo do que o sistema colonial. A Guiana poderia ser um novo enclave, como Israel no Médio Oriente, como a Coreia do Sul no Sudeste Asiático. Esta estratégia não funciona apenas contra o chavismo. Funciona contra o Brasil e todo o arco amazônico.

**Até que ponto as presidências de Gustavo Petro na Colômbia e de Lula no Brasil apoiam Maduro na Venezuela, dado que tanto os presidentes colombiano como brasileiro também enfrentam uma enorme oposição interna, ao ponto de expressarem constantemente a sua preocupação com a manutenção do seu mandato?**

*Guerrero* - Tanto (o presidente colombiano Gustavo) Petro quanto (o presidente brasileiro) Lula estão vivenciando a contradição de ter que apoiar Maduro, mesmo não gostando dele, e não poder retirar seu apoio a ele (o que gostariam de fazer) . Lula e Petro têm que resolver os conflitos internos de uma oposição que é profundamente anti-Maduro e o acusa de ser um ditador - o que não poderiam fazer com Chávez [...]. Lula e Petro estão observando e calculando a situação, porque têm que responder às pressões internas – e não apenas da CIA, do Pentágono ou da Human Rights Watch.

**Qual é o alcance da aproximação entre a Venezuela e o Irão? Será “apenas” uma reaproximação política ou, com o tempo, tornar-se-á uma reaproximação económica e comercial eficaz e ampla?**

Pelo que sei, os dois países têm um pacto superior ao que Chávez teve com Cuba. Mas não conseguiu fazer progressos com Cuba na escala que consegue com o Irão, que é uma potência global. Chávez tinha uma estratégia de sistemas de relações muito mais complexa e, portanto, mais completa com Argentina, Bolívia, Brasil, Cuba e Equador para o desenvolvimento económico, comercial, político, cultural e militar. Maduro está isolado pela pressão imperialista e aliou-se, com razão, ao Irão e tentou fazê-lo com a Rússia. A relação entre o Irão e a Venezuela é tão boa quanto perigosa. **| FIM |**

*30 de maio de 2024*

